

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

184

INSCRIÇÕES 685-687



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



MARCA EM TELHA ROMANA DA TORRE DOS
NAMORADOS

Foi descoberto, em Março de 2015, no âmbito das prospecções levadas a cabo na região, o fragmento de uma telha romana (*tegula*) com marca em cartela. Proveio da escavação do derrube do telhado da sala dos contrapesos do lagar do Núcleo dos Coitos – Torre dos Namorados.

O sítio arqueológico da Torre dos Namorados (actual Quintas da Torre), sito na freguesia de Vale Prazeres / Mata da Rainha, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco, tem fornecido, para além de restos arquitectónicos, bastantes vestígios epigráficos, a demonstrar que as suas gentes privilegiavam, quer em epitáfios quer em inscrições votivas, os monumentos epigráficos para imortalizarem a memória das suas gentes e as suas crenças.

Escrevíamos em 2015 (FE 532): «A sociedade e a religião, presentes no *vicus* da Torre, encontram-se bem patentes na epigrafia». E referíamos também, na mesma altura, as características conhecidas do sítio, que se enquadram plenamente no que se dirá de seguida:

«Classificado como *vicus* de época romana, parece constituir, no actual estado do conhecimento, um caso único no território antigo da Beira Interior, quer pela sua dimensão, quer funcionalidade. Trata-se de um aglomerado organizado de forma polinuclear, com indicadores de estruturas de índole produtiva/artesanal “industrial e a existência de elementos de lagares».

Na verdade, o monumento que hoje nos prende a atenção

não seria, por si só, achado a merecer, à partida, interesse de maior: que novidades nos poderá trazer uma singela marca de oleiro? Pode, porque embora não se saiba onde a telha foi fabricada, tê-lo-á sido nas proximidades, porque não estamos a imaginar que – havendo barro por perto e não carecendo de suma ciência o fabrico de telhas – este exemplar tenha vindo de muito longe: existira por perto uma olaria e o nome do oleiro, se a nossa leitura está correcta e se aceita, prende-se com a onomástica pré-romana, o que indicia ter também essa técnica merecido o apoio local.

Estamos perante um pedaço de telha, em jeito de cunha, que ostenta, gravada antes da cozedura, uma cartela com o nome do oleiro. Poder-se-ia pensar também ser o nome do destinatário do lote que fora ao forno; mas, nesse caso, o nome estaria, de preferência, gravado manualmente, qual grafito, e apenas numa das peças, que serviria de identificador do lote. Aqui, porém, há mesmo o que se poderia classificar de ‘carimbo’, a imprimir em cada um dos exemplares.

Dimensões: (18,4) x (10,6) x 2,4.

Cartela: 3,6 x (8,9).

APANI

De Apano.

Altura das letras: 2,3.

Há um nexa AP inicial e, de seguida, NA também em nexa.

Trata-se do genitivo do antropónimo *Apanus*, de que se conhecem testemunhos no feminino¹ e na forma do nominativo da 3ª declinação *Apano*, *-nis*. Poderá, pois, ser esta a segunda prova de que ao feminino *Apana* corresponderá *Apanus*; a primeira registou-se no epitáfio patente numa estela insculturada de Lugo, que *Apanus* manda fazer a sua irmã *Apana*, que vem identificada como *Celtica Supertamarca*². Vallejo inclui estes nomes entre os

¹ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antropológico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 93-94, mapa 29.

² Nota de J. d’E. em *Conimbriga* 36 1997 p. 101; RODRÍGUEZ COLMENERO (An-

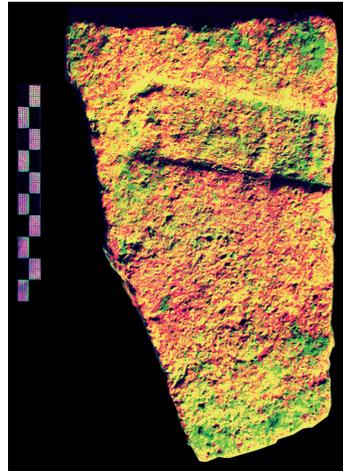
antropónimos indígenas peninsulares³.

Por estarmos perante onomástica indígena, a proposta de situarmos o fragmento no século I da nossa era parece colher parecer favorável⁴.

CARLA ALEGRIA RIBEIRO
MARIA JOÃO ÂNGELO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



1



2

tonio), «Sobre dos nuevas estelas monumentales de *Lucus Augusti*», in BELTRÁN LLORIS (Francisco) y VILLAR LIÉBANA (Francisco) [coord.], *Pueblos, Lenguas y Escrituras en la Hispania Prerromana [Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)]*, Salamanca, 1999, p. 606-611; HEpOL registo n° 7448.

³ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, *passim* e, sobretudo, p. 158-160.

⁴ Agradecemos a Alexandre Canha o tratamento cromático da imagem (FIG. 2).